



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Raquel de Lemos Costa Ribeiro

**Atenção Partilhada em Bebés
Institucionalizados aos 9 e 12 Meses
de Idade: Caracterização, Relação com
a Sensibilidade e Cooperação dos
Cuidadores e, Influência no Desenvolvimento
da Linguagem aos 18 Meses**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Raquel de Lemos Costa Ribeiro

**Atenção Partilhada em Bebés
Institucionalizados aos 9 e 12 Meses
de Idade: Caracterização, Relação com
a Sensibilidade e Cooperação dos
Cuidadores e, Influência no Desenvolvimento
da Linguagem aos 18 Meses**

Dissertação de Mestrado
Mestrado integrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Soares
e co-Orientação da
Doutora Carla Martins

Outubro de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 17 de Outubro de 2011.

Assinatura: _____

Agradecimentos

À Professora Isabel Soares, orientadora desta dissertação, que me acolheu no seu projecto e que sempre demonstrou um sorriso de incentivo. Muito obrigada pela sabedoria e ensinamentos que partilhou comigo durante o processo de orientação desta dissertação.

À Professora Carla Martins, co-orientadora desta investigação, por todos os momentos de incentivo à reflexão, generosidade, paciência e pela orientação cuidada que me prestou. Não posso deixar de referir, a capacidade que teve de me entusiasmar para a conclusão deste trabalho através dos seus reforços motivadores. Muito obrigada, aprendi consigo muito mais do que poderia aqui descrever.

A todas as Instituições, cuidadores e bebés sem os quais esta investigação não seria possível.

À Vera, pela cotação do acordo e por toda a disponibilidade que generosamente me ofereceu.

À Cristina, por todo o apoio, sentido de humor e amizade que me ajudaram na conclusão deste trabalho e me têm ajudado ao longo do último ano.

Aos meus pais, por tudo o que sou e por estarem sempre ao meu lado e, à Leninha, pois ao longo do seu crescimento ajuda-me a compreender melhor a Psicologia do Desenvolvimento.

Ao Tiago, que soube pacientemente aceitar a minha “partilha de atenção” com a tese, por todas as palavras de incentivo e por tudo o que seria impossível descrever aqui.

Aos restantes familiares e também aos amigos, que souberam compreender-me e apoiar-me, apesar de toda a minha indisponibilidade, durante o processo de criação desta tese.

Resumo

A atenção partilhada é a competência que permite ao bebé coordenar a atenção com um parceiro social e, ao mesmo tempo, com um terceiro objecto, tendo de existir obrigatoriamente alternância de olhares entre os parceiros sociais e o objecto. Esta competência promove assim a formação de interacções triádicas, e emerge por volta dos 9 meses de idade, sendo geralmente avaliada com base em duas categorias principais: a Resposta do bebé a comportamentos de Atenção Partilhada por parte do adulto (RJA) e a Iniciação de Atenção Partilhada por parte do bebé (IJA). Este estudo incide numa amostra de bebés institucionalizados, uma vez que a investigação tem vindo a destacar o impacto negativo dos cuidados institucionais no desenvolvimento, designadamente no crescimento físico, cerebral, cognitivo e emocional do bebé. Face ao exposto, este estudo contempla a caracterização da evolução desenvolvimental das capacidades da manifestação de atenção partilhada em bebés institucionalizados aos 9 e 12 meses de idade, relaciona essa manifestação com a prestação do cuidador, nomeadamente ao nível da sensibilidade e cooperação e, por fim, analisa se se verifica alguma influência da manifestação de atenção partilhada no desenvolvimento da linguagem aos 18 meses de idade. Os resultados apontam para uma evolução ao longo do tempo na manifestação de resposta do bebé a sugestões de Atenção Partilhada por parte do adulto e Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada, bem como diferenças ao nível dos comportamentos dos cuidadores, ao longo do tempo e com base na condição da interacção. Observou-se ainda que os bebés iniciaram mais comportamentos de Atenção Partilhada quando a cooperação dos cuidadores era mais elevada, e que, a manifestação de Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada aos 9 e 12 meses se encontra associada com o desenvolvimento da linguagem aos 18 meses. Deverão ser conduzidas mais investigações nesta linha, com vista a uma mais clara interpretação e compreensão do impacto das diferenças individuais na emergência de outros marcos desenvolvimentais nos bebés.

Abstract

Joint attention is the ability that allows infants' to coordinate attention with a social partner and at the same time, with a third object, where must have alternation of gaze between the social partners and the object. This skill promotes the creation of triadic interactions, emerges at about 9 months old and is generally evaluated based on two main categories: responding to joint attention (RJA) and initiating joint attention (IJA). This study focuses on a sample of institutionalized infants', because research has emphasized the negative impact on the development of institutional care, particularly in infants' physical, cerebral, cognitive and emotional growth. In face of, this study includes the characterization of the developmental evolution of the joint attention in institutionalized infants' at 9 and 12 months of age, relates this with the care of the caregiver, particularly in terms of sensitivity and cooperation, and finally understand whether there is some influence of joint attention manifestation in language development at 18 months of age. The results indicate a development along the time in manifestation of infants' responding to joint attention and initiating joint attention, as well as differences in caregivers behaviors over the time and in different interaction condition's. It was also observed that infants' show more initiating joint attention behaviors when cooperation of the caregivers was higher, and that the manifestation of initiating joint attention behaviors at 9 and 12 months is related with language development at 18 months. More research should be conducted to understand the impact of individual differences in the emergence of other developmental milestones in infants'.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico-empírico	2
1.1. Atenção Partilhada no Desenvolvimento do Bebé	2
1.2. Contexto de desenvolvimento do bebé e Atenção Partilhada: Os Cuidados Institucionais	6
1.3. Atenção Partilhada e o Desenvolvimento da Linguagem	10
Capítulo 2 - Objectivos do Estudo	13
Capítulo 3 – Metodologia	15
3.1. Amostra	15
3.2. Procedimento	15
3.3. Instrumentos	16
Capítulo 4 – Resultados	20
4.1. Caracterização dos comportamentos de atenção partilhada do bebé e estratégias do cuidador em função do momento - 9 e 12 meses - e do contexto - Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado	20
4.2 - Associações entre as estratégias do cuidador e as Respostas do bebé a comportamentos do Adulto de Atenção Partilhada e Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé - Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado, 9 e 12 meses – com a Sensibilidade e Cooperação do cuidador e, a avaliação da Linguagem aos 18 meses	24
Capítulo 5 – Discussão dos Resultados	27
Conclusão	33
Referências Bibliográficas	34

Índice de Tabelas

Tabela 1: Diferenças da manifestação de comportamentos de atenção partilhada no bebé e das estratégias do cuidador em função do momento (9 e 12 meses).	21
Tabela 2: Diferenças da manifestação de comportamentos de atenção partilhada no bebé e das estratégias do cuidador em função da condição (Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado).	22
Tabela 3: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de Jogo Livre aos 9 e 12 meses.	23
Tabela 4: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de Jogo Semi-estruturado aos 9 e 12 meses.	23
Tabela 5: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de de RJA e IJA do bebé em situação de Jogo Livre aos 9 e 12 meses, com a sensibilidade e cooperação do cuidador e a avaliação da linguagem aos 18 meses.	25
Tabela 6: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de Jogo Semi-estruturado aos 9 e 12 meses, com a sensibilidade e cooperação do cuidador e a avaliação da linguagem aos 18 meses.	26

Introdução

Esta dissertação está focada na atenção partilhada, uma competência que oferece à criança “a possibilidade de partilhar experiências e emoções com outra pessoa enquanto constrói e mantém uma relação com ela” (Warreyn, Roeyers, Wetswinkel & Groote, 2007, p. 501, *in* Oliveira, 2008). A investigação tem evidenciado que a promoção desta competência está associada a ganhos em diversos domínios, nomeadamente ao nível cognitivo e da linguagem.

Neste sentido, na primeira parte, desta dissertação, a atenção partilhada será analisada à luz de abordagens teóricas e de estudos recentes. A segunda parte integra um estudo empírico inovador focado num grupo de bebés institucionalizados, sendo apresentados os seus objectivos, método e resultados. A dissertação encerra com a discussão destes resultados e suas implicações para estudos subsequentes.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico-empírico

1.1. A Atenção Partilhada no Desenvolvimento do Bebé

O ser humano possui a capacidade de coordenar a atenção com um parceiro social, capacidade esta que é fundamental para a nossa aprendizagem de competências sociais ao longo da vida (Mundy & Newell, 2007). Durante o primeiro ano de vida, os bebés tendem a seguir o olhar dos adultos (Scaife & Bruner, 1975 *in* Mundy & Newell, 2007), o que indica que a aptidão de partilhar um ponto comum de referência com outra pessoa se desenvolve muito cedo.

Quando um bebé e um parceiro partilham atenção face a um terceiro objecto ocorre um momento de atenção partilhada, contudo, para isso, ambos os parceiros devem ter a atenção focalizada num objecto comum e deve existir uma troca de olhares entre os dois parceiros durante o momento em que focam o objecto (Bakeman & Adamson, 1984; Carpenter, Nagell & Tomasello 1998 *in* Martins 2003). De facto, a característica mais proeminente neste tipo de interacções é que elas são triádicas. Se tivermos em consideração que os bebés nos primeiros meses de vida prestam atenção ou ao brinquedo ou ao cuidador, meses mais tarde passam a envolver-se em interacções mais sofisticadas, integrando ambos: o objecto-alvo da brincadeira e a pessoa com quem estão a brincar (Baron-Cohen, 1995; Tomasello, 2000).

Mundy, Block, Delgado, Pomares, Parlade e Van Hecke (2007) afirmam que diferentes manifestações de atenção partilhada começam a emergir por volta dos 6 meses de idade e continuam a desenvolver-se pelo menos até aos 3 anos, sendo que, a capacidade de os bebés coordenarem a atenção com um parceiro social sofre uma franca evolução durante o último trimestre do primeiro ano de vida (Meins, 2011). É nesta fase que os bebés começam a interpretar que os comportamentos do adulto são direccionados para um objectivo (Woodward, 2003 *in* Meins, 2011), podendo mesmo utilizar a expressividade emocional do adulto como uma pista para determinar que objecto será alvo do comportamento (Phillips, Wellman, & Spelke, 2002 *in* Meins 2011).

Alguns autores, (Bakeman & Adamson, 1984; 1998; Gaffan, Martins, Healy, & Murray, 2010) defendem que falar na manifestação de comportamentos de atenção partilhada por volta dos 6 meses de idade é um pouco precoce, referindo que nessa idade, consistem ainda num subtipo de atenção partilhada passiva, a atenção paralela. Na atenção paralela, o bebé e o adulto brincam com o mesmo objecto, contudo, o bebé ainda não se apercebe da presença do adulto na interacção, não existindo troca de olhares entre ambos, que é a principal característica que permite diferenciar episódios de atenção partilhada.

Bakeman e Adamson (1984) defendem que a atenção partilhada diádica promove a emergência da atenção partilhada triádica, uma vez que fornece o contexto social no qual o cuidador pode ser o suporte para a atenção do bebé. Num estudo longitudinal realizado com 28 crianças entre os 6 e os 18 meses de idade, os mesmos autores verificaram que a frequência da ocorrência de atenção partilhada, a percentagem de tempo aplicado na interacção conjunta e a duração média dos episódios de atenção partilhada aumentavam com a idade.

Estudos revelam que os 9 meses de idade constituem um ponto crucial no que concerne à manifestação dos primeiros comportamentos de atenção partilhada, uma vez que se espera que seja nesta fase desenvolvimental que o bebé comece a compreender que ele próprio e os outros são seres intencionais, cujo foco atencional deriva dos seus objectivos e acções (Tomasello, 1995; Tomasello, Carpenter, Call, Behne, & Moll, 2005, *in* Gaffan et al., 2010). Carpenter e colegas (1998) referem que, apesar da emergência da atenção partilhada decorrer por volta dos 9 meses de idade, a ocorrência destes episódios acontece com maior frequência entre os 15 e os 18 meses ou até mais tarde.

Importa referir que a atenção partilhada é indissociável de um período desenvolvimental denominado por intersubjectividade secundária, no qual o bebé, para além de possuir consciência do objecto e daquilo que pode fazer com ele, possui também consciência de que outras pessoas podem partilhar com ele a interacção com esse objecto (Trevarthen & Hubley, 1978 *in* Martins 2003), ou seja, existe a consciência de que ambos, o bebé e o parceiro, dividem uma experiência entre si. É a emergência da intersubjectividade secundária no bebé que o levará a desenvolver e experienciar mais comportamentos de atenção partilhada.

Relativamente à diferenciação dos episódios de atenção partilhada, Carpenter e colaboradores (1998), definiram três categorias principais de atenção partilhada: *partilhar atenção*, *seguir a atenção* e *direccionar a atenção*. A primeira – *partilhar a atenção* – corresponde a períodos relativamente extensos de foco atencional conjunto entre o adulto e a criança num objecto comum, durante pelo menos 3 segundos, em que se verifica alternância de olhares entre os elementos da díade. Por outro lado, *seguir e direccionar a atenção* referem-se a comportamentos que potenciam episódios de atenção partilhada, em que a criança redirecciona a sua atenção para o alvo indicado pelo adulto (por exemplo, olhando ou apontando para o objecto em que o seu parceiro está concentrado) ou recorre a actos comunicativos a fim de orientar a atenção do adulto para um novo foco de interesse (por exemplo, apontando ou mostrando um brinquedo), respectivamente. Por outro lado, Mundy, Delgado, Block, Venezia, Hogan, e Seibert, (2003) destacam apenas duas categorias centrais de atenção partilhada: *Iniciação de Atenção Partilhada (Initiating Joint*

Attention, IJA), que engloba as categorias *partilhar atenção* e *direccionar atenção* propostas por Carpenter e colaboradores (1998), e a *Resposta a Sugestões de Atenção Partilhada* (*Responding to Joint Attention*, RJA) que corresponde ao comportamento de *seguir a atenção* de Carpenter e colaboradores (1998) (ESCS; Mundy et al., 2003).

Face ao exposto, podemos inferir que um episódio de atenção partilhada pode ser desencadeado pelo adulto (por exemplo, apontar para um objecto) ou pela criança (por exemplo, oferecer um brinquedo) (Martins, 2003), tendo de existir obrigatoriamente a alternância de olhares entre os parceiros sociais e o objecto para que seja considerado como tal.

Os comportamentos de atenção partilhada são normalmente avaliados numa interacção entre o bebé e o prestador de cuidados, geralmente a mãe (Bakeman & Adamson, 1984; Tomasello & Farrar, 1986), ou em contexto laboratorial, onde o bebé interage com um experimentador (Bates, Benigni, Bretherton, Camaioni, & Volterra, 1979; Seibert, Hogan, & Mundy, 1982, *in* Mundy & Sigman, 2006). Considera-se que, os paradigmas de avaliação que incluem o bebé e o prestador de cuidados fornecem dados importantes acerca da capacidade óptima da criança para participar em episódios atenção partilhada. Contudo, é muitas vezes difícil separar as contribuições comportamentais de cada elemento da díade para compreender as diferenças desenvolvimentais ao nível da manifestação de atenção partilhada (Mundy & Sigman, 2006).

Para Bronfenbrenner (1979), apesar de muitas vezes os procedimentos laboratoriais serem realizados com os prestadores de cuidados dos bebés, consistindo numa aproximação ecológica, por outro lado, a validade da avaliação continua comprometida nestas situações, pelo facto de, na maioria dos casos, decorrer em contexto laboratorial e não nos cenários em que, em regra, decorre o dia-a-dia do bebé.

Por outro lado, quando a avaliação ocorre em contexto laboratorial, com experimentadores, o facto de estes se encontrarem treinados na utilização de comportamentos interactivos responsivos, mas estandardizados, como, por exemplo nas Escalas de Comunicação Social Precoce (ESCS; Mundy et al., 2003; Seibert et al., 1982, *in* Mundy & Sigman, 2006) torna possível obter uma imagem clara das diferenças que as crianças apresentam na tendência para espontaneamente iniciar comportamentos de atenção partilhada, uma vez que os experimentadores mantêm sempre uma postura afectiva neutra, sendo atenciosos apenas quando o bebé realiza algum comportamento de iniciação de atenção partilhada (Mundy & Sigman, 2006).

Apesar de a avaliação da manifestação da atenção partilhada em bebés ser realizada maioritariamente em contexto laboratorial, Tomasello e colegas (Tomasello & Farrar, 1986, Tomasello & Todd, 1983, *in* Oliveira, 2008) debruçaram-se em estudos de

carácter ecológico, avaliando a atenção partilhada em casa das próprias famílias, utilizando como unidade de análise a interacção entre a criança, um dos seus prestadores de cuidados e um conjunto de brinquedos.

Neste sentido, cada vez mais se tem dissertado acerca de procedimentos de avaliação de tipo ecológico, nos quais a criança é avaliada nos seus contextos de vida, em interacção com os pares e/ou adultos significativos.

O Sistema de Cotação da Atenção Partilhada de Martins (2003) é um esquema que foi intencionalmente desenvolvido para a avaliação exclusiva da atenção partilhada, não necessitando de treino prévio e podendo ser aplicado a interacções entre o bebé e um adulto, que tenham sido recolhidas num momento anterior, desde que cumpram os requisitos metodológicos exigidos. Existe igualmente flexibilidade quanto ao contexto das interacções, podendo ocorrer em ambiente naturalista ou laboratorial, embora o primeiro ofereça uma oportunidade de avaliação mais rica e interessante do ponto de vista desenvolvimental (Osório, Castiajo, Ferreira, Barbosa, & Martins, 2011).

Este sistema de cotação é aplicado no decorrer de uma actividade lúdica semi-estruturada com o cuidador e o bebé, com uma duração aproximada de 10 minutos, podendo ser aplicado a partir dos 9 meses de idade. É apresentado à diáde um brinquedo que seja interessante e, simultaneamente, um pouco acima do nível desenvolvimental do bebé, o que provavelmente levará o adulto a realizar orientações e/ou demonstrações. O adulto recebe a seguinte instrução: “Brinque com o(a) [nome do bebé] usando este brinquedo. Tente ver o que ele(a) consegue fazer”.

A autora propõe avaliar a atenção partilhada com base na ocorrência de três situações: a) episódios de atenção partilhada (duração em tempo); b) reacções do bebé às estratégias do adulto para direccionar a sua atenção (RJA) (cotada em termos de frequência); e c) estratégias do bebé para direccionar a atenção do adulto (frequência). Os episódios de atenção partilhada ocorrem quando três condições essenciais estão presentes: foco atencional comum (olham para o mesmo objecto), alternância de olhares entre o bebé e o adulto em algum momento da interacção, e valência emocional positiva ou neutra do episódio, ou seja, a criança não deverá chorar nem evidenciar conflito de intenções com o adulto. Deve registar-se o tempo de duração de cada episódio de atenção partilhada, que termina quando um dos elementos da diáde desvia a sua atenção para outro objecto ou acontecimento (Osório, Castiajo, Ferreira, Barbosa, & Martins, 2011).

Para finalizar, as perturbações no desenvolvimento da atenção partilhada têm sido muito abordadas em estudos realizados em bebés com autismo, em que os comportamentos de partilha de foco atencional conjunto com um parceiro social se desenvolvem numa fase mais tardia ou podem mesmo estar ausentes (Baron-Cohen, 1997;

Loveland & Landry, 1986; Mundy, Sigman, & Kasari 1990, *in* Martins, Osório, & Macedo, 2008).

A tendência para iniciar espontaneamente episódios de partilha de experiência afectiva de um objecto ou acontecimento com um parceiro social é um elemento importante da iniciação de comportamentos de atenção partilhada por parte do bebé (Mundy, Kasari & Sigman, 1992), desta forma, grande parte dos défices na manifestação deste tipo de comportamentos que ocorrem em crianças com autismo, podem explicar-se precisamente pela diminuição da tendência para iniciar episódios de afecto positivo partilhados com um parceiro social (Kasari, Sigman, Mundy, & Yrmiya 1990).

Mais sucintamente, segundo Kasari e colaboradores (1990), os atrasos no desenvolvimento da capacidade de Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada em bebés têm demonstrado que as diferenças observadas nas crianças com autismo entre os dois e os seis anos de idade, permitem prever com bastante segurança a sua tendência para iniciar a interacção social espontânea com outras pessoas entre 7 a 10 anos mais tarde.

1.2. Contexto de Desenvolvimento do Bebé e Atenção Partilhada: Os Cuidados Institucionais

Os três primeiros anos do bebé são incomparáveis no ciclo de vida humano pela rapidez, profundidade e complexidade das mudanças desenvolvimentais. É nos primeiros três anos de vida que o bebé progride de uma total dependência do seu cuidador para uma criança com capacidades sofisticadas a nível motor, cognitivo e verbal, capaz de compreender e participar activamente em situações sociais (Zeanah, Nelson, Fox, Smyke, Marshall, Parker & Koga, 2003).

Desde os primeiros meses que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento do bebé. As relações estabelecidas na infância afectam a capacidade de estabelecimento de relações ao longo da vida (Papalia, Olds & Feldman, 2001), este facto sugere que, diferentes contextos produzem influências distintas no desenvolvimento do bebé.

Actualmente, disserta-se sobre o facto de a comunicação triádica dos bebés poder estar associada positivamente com a sensibilidade (Hobson, Patrick, Crandell, Perez, & Lee, 2004 *in* Osório et al., 2011) e a responsividade (Landry, Smith & Swank 2006 *in* Osório et al., 2011) materna. Meins e colaboradores (2011) estudaram a relação entre a segurança na vinculação mãe-bebé e as capacidades atencionais aos 8 e 15 meses. Os autores relataram diferenças relacionadas com a segurança, especificamente ao nível dos comportamentos

dos bebés para iniciação da atenção partilhada tanto com um experimentador como com a mãe. Bebés com uma vinculação insegura-evitante iniciam mais comportamentos de atenção partilhada com um experimentador, e menos na interacção com a mãe do que os outros pertencentes aos grupos de vinculação segura e insegura-resistente, mas estas diferenças eram aparentes apenas aos 15 meses, quando a relação de vinculação estava completamente formada. Meins e colaboradores concluíram que as diferenças individuais na relação de vinculação com a mãe influenciam o envolvimento activo dos bebés com os parceiros sociais e sugeriram que o facto de se verificar uma maior tendência para os bebés com um padrão de vinculação inseguro-evitante iniciarem a atenção partilhada com um novo parceiro social pode ser uma estratégia para compensar pelo seu evitamento de contacto social com a mãe.

Raver (1996), por seu turno, sugeriu que uma maior expressão de emoções negativas pode ser considerada resultado da utilização de estratégias menos apropriadas de regulação emocional pela mãe, o que pode por sua vez, diminuir as oportunidades da criança para se envolver em atenção paralela e partilhada.

A evidência destes estudos converge para sugerir que, mães que são mais capazes de adaptar o seu comportamento aos ritmos atencionais do bebé podem promover a manifestação de atenção paralela e partilhada, pois fornecem as estruturas necessárias para o desenvolvimento das capacidades atencionais do bebé (Osório et al., 2011). A mesma autora afirma que uma melhor qualidade de relacionamento, reflectida por maior disponibilidade emocional, poderá estar relacionada com níveis mais elevados de atenção paralela e partilhada.

Um estudo de Gaffan e colaboradores (2010) concluiu que a manifestação de atenção partilhada em bebés aos 9 meses estava relacionada com a variação do comportamento materno aos 6 meses. Os comportamentos maternos que podem prever a ocorrência de episódios de atenção partilhada mais tarde incluem ensinar, a acção conjunta num brinquedo e, a sensibilidade global. Comportamentos com vista a entreter o bebé, por exemplo, encontravam-se negativamente relacionados com a manifestação de atenção partilhada mais tarde.

Outros estudos indicam também que as diferenças no desenvolvimento da atenção partilhada podem estar relacionadas com perturbações afectivas do cuidador (Goldsmith & Rogoff, 1997), a sua idade e maturidade (Flanagan, Coppa, Riggs, & Alario, 1994) ou ainda cuidados institucionais de fraca qualidade (Kroupina, Kuefner, Liliana, Gunnar, & Johnson, 2002).

Este último ponto relativo aos cuidados institucionais, reporta-nos para o facto de, quando o contexto desenvolvimental é de privação, como é o caso de contextos de

institucionalização (Ghera, Marshall, Fox, Zeanah, Nelson, Smyke, & Guthrie, 2009; Zeanah et al., 2003), os bebés incorrem num risco mais elevado de anomalias sociais e comportamentais como distúrbios e atrasos no desenvolvimento social e emocional, bem como problemas desenvolvimentais. A acrescentar a este ponto, encontra-se o facto de, geralmente, estes bebés já serem alvo de experiências de vulnerabilidade cognitiva e afectiva logo à nascença.

Os bebés institucionalizados apresentam, assim, graves problemas cognitivos, emocionais e sociais (Quinton & Rutter, 1988; Rutter, 1981 *in* Vorria, Papaligoura, Dunn, van IJzendoorn, Steele, Kontopoulou & Sarafidou, 2003). Alguns autores afirmam que, a promoção de melhorias ao nível da qualidade dos cuidados institucionais pode conduzir a uma redução notável dos défices cognitivos nos bebés (Dennis, 1976; Garvin & Sacks, 1963 *in* Vorria et al., 2003). No entanto, no que diz respeito aos relacionamentos sociais destes bebés, geralmente os problemas mantêm-se independentemente da existência de melhorias nos cuidados institucionais, nomeadamente ao nível da falta de capacidade para a criação de relações de intimidade, desenvolvimento de padrões de amizade indiferenciados com estranhos, comportamentos com vista à procura de atenção por parte dos outros, relações pobres com os pares, défices de atenção e problemas disciplinares (Hodges & Tizard, 1989a,b; Tizard & Hodges, 1978; Tizard & Rees, 1975; Wolkind, 1974 *in* Vorria et al., 2003).

Gunnar, Bruce, e Grotevant (2000 *in* Lee, Seol, Sung, Miller, & Minnesota International Adoption Project Team, 2010) referem três níveis diferentes de privação institucional que afectam o bem-estar e desenvolvimento do bebé. A primeira forma de privação refere-se a uma privação global das necessidades de saúde, nutrição, estimulação e relacionais, que resulta em défices globais no desenvolvimento. A segunda forma de privação refere-se a cuidados adequados de saúde e nutrição, mas privação ao nível da estimulação para oportunidades de envolvimento com o ambiente dos outros, e necessidades relacionais que contribuem para os atrasos no desenvolvimento sensório-motor e da linguagem e, eventuais atrasos no desenvolvimento cognitivo geral e inteligência. A terceira forma de privação refere-se a uma situação em que todas as necessidades anteriormente mencionadas estão cumpridas, mas existe falta de relacionamentos estáveis e consistentes com cuidadores, a longo-prazo. Este tipo de privação contribui para a evolução de problemas relacionados com o desenvolvimento comportamental e sócio-emocional do bebé. Na maioria dos casos, os bebés institucionalizados experienciam privação através de alguns, ou todos os níveis, os quais estão interligados.

Rutter (1981) debruçou-se sobre o estudo do impacto da privação de que os bebés institucionalizados são alvo. Resultados de investigações sugerem que os défices ao nível cognitivo, social, físico e de cuidados médicos destes bebés aumentam à medida que a

exposição a este ambiente de privação se prolonga (Ames, 1997; Rutter, & the English and Romanian Adoptees Study Team, 1998 in O'Connor, Rutter, Beckett, Keaveney, Kreppner, & English and Romanian Adoptees Study Team, 2000).

Outra questão importante prende-se com o facto de os bebés criados em ambientes institucionais experienciarem mudanças frequentes de cuidador. Uma vez que os cuidadores geralmente trabalham por turnos, os bebés são expostos a repetidas separações, o que poderá levá-los a sentir os cuidadores como indisponíveis ou inconsistentes a um nível responsivo.

Os cuidadores possuem geralmente, ao seu encargo, vários bebés para vigiar e cuidar, o que, efectivamente não permite que consigam prestar os cuidados que desejariam a cada bebé individualmente, como é suposto verificar-se numa relação normativa mãe-bebé.

Por outro lado, os cuidadores sabem que, os bebés a que estão a prestar cuidados, eventualmente, irão deixar a instituição. Este facto pode diminuir o envolvimento emocional do cuidador com o bebé. Stevens (1975 in Vorria et al., 2003) afirma que, mesmo em instituições que fornecem estimulação social adequada as bebés, se verifica um atraso no desenvolvimento de relações de vinculação.

Ainsworth sugeriu que a sensibilidade materna para os sinais do bebé afecta a natureza do padrão de vinculação, sendo que os cuidados consistentes, sensíveis e responsivos contribuem para a formação de vinculações seguras (Ainsworth, Blehar, Walters, & Walls, 1978 in Vorria et al., 2003).

Contudo, Johnson, Browne, e Hamilton-Giachritsis (2006) postulam que, mesmo em instituições com cuidados “aparentemente” satisfatórios, verifica-se um efeito prejudicial na capacidade de os bebés formarem relacionamentos ao longo da vida, uma vez que a falta de relacionamentos e afecto contínua com um cuidador sensível nos primeiros meses e anos de vida, pode levar a que os bebés se tornem posteriormente em crianças desesperadas por afectos e pela atenção por parte dos adultos.

Por seu lado, um estudo de Vorria e colaboradores (2003) revela que a grande maioria dos bebés institucionalizados criam relações de vinculação desorganizada. Este padrão de vinculação é típico em populações de alto risco, que recebem cuidados inadequados.

Apesar de alguns estudos demonstrarem que muitas crianças que passam os primeiros meses ou mesmo anos de vida em instituições são capazes de criar relações de vinculação selectiva, em situação de adopção, com os pais adoptivos (Thompson, 2001), torna-se importante e imprescindível tentar compreender, até que ponto os cuidados institucionais de que os bebés são alvo nos primeiros meses de vida, poderão ter um

impacto negativo no seu desenvolvimento cognitivo, afectivo e psicopatológico, ao longo do ciclo de vida.

Nesta linha de investigação, cada vez mais se torna pertinente o estudo de amostras atípicas, com vista à obtenção de um conhecimento mais abrangente acerca das possíveis diferenças ao nível do desenvolvimento de capacidades como a atenção partilhada, em bebés que evoluem em diferentes contextos desenvolvimentais.

1.3. Atenção Partilhada e o Desenvolvimento da Linguagem

A partilha da atenção tem sido sistematicamente associada com o nível de desenvolvimento mental do bebé (Oliveira, 2008). Deste modo, tem vindo a ser estudada a relação entre a manifestação de atenção partilhada e a linguagem.

Diversos investigadores encontraram associações positivas entre medidas de atenção partilhada e as capacidades de compreensão e expressão linguística dos bebés.

Até ao momento em que os bebés começam a utilizar de forma eficaz a linguagem, eles já estabeleceram com os cuidadores uma variedade de rotinas sócio-comunicativas. Ninio e Bruner (1978) e Ratner e Bruner (1978) analisaram a estrutura dessas rotinas e demonstraram que essas interacções não-linguísticas entre o cuidador e o bebé, podem servir de suporte para o desenvolvimento da linguagem do bebé. Com efeito, essas interacções concedem ao bebé um contexto referencial previsível que faz com que tanto a sua linguagem como a do cuidador possua imediatamente um sentido. Nas suas investigações, Bruner (1981, 1983, 1985) sublinhou que o mecanismo subjacente a estas rotinas sócio-comunicativas do adulto e do bebé é a atenção partilhada (*in* Tomasello e Farrar, 1986).

Desta forma, Carpenter e colaboradores (1998) consideram que a ocorrência de episódios de atenção partilhada é uma competência que funciona como precursor da emergência de capacidades linguísticas nos bebés, uma vez que leva à criação de quadros de referência que permitem ao bebé, com base na experiência, compreender a linguagem utilizada pelo adulto.

Uma vez que os bebés não possuem as mesmas capacidades de comunicação que são necessárias para o estabelecimento da atenção partilhada que os adultos, a ocorrência de episódios interactivos entre o bebé e um adulto de referência, ajuda o bebé a desenvolver competências de identificação do foco de atenção do adulto, reconhecendo desta forma, o que é pretendido por ele.

Bakeman e Adamson (1984) e Tomasello e Farrar (1986) corroboram, sugerindo que, a ocorrência de episódios interactivos entre o bebé e um adulto, desenvolve

interacções comunicativas precoces, facilitando desta forma o desenvolvimento da linguagem nos bebés.

Van Hecke, Mundy, Acra, Block, Delgado, Parlade, Meyer, Neal, e Pomares (2007) encontraram associações significativas entre as medidas de atenção partilhada aos 12 meses e o desenvolvimento da linguagem aos 24 meses de idade, confirmando a relação entre estas duas competências. Um outro estudo demonstrou uma correlação elevada entre a quantidade de tempo despendido em atenção partilhada com a figura materna aos 12 meses de idade e a quantidade de vocábulos que o bebé apresentava aos 18 meses (Tomasello & Todd, 1983, *in* Carpenter et al., 1998).

Tomasello e Farrar (1986) concluíram que as mães e as crianças se envolviam em conversações mais longas no decorrer dos episódios de atenção conjunta do que nouro tipo de interacções. Os mesmos autores relataram ainda que mães que durante o diálogo seguiam o foco de atenção estabelecido pelo bebé aos 15 meses, tinham bebés com um vocabulário mais vasto aos 21 meses de idade, comparativamente a mães que recorriam à linguagem numa tentativa de direccionar a atenção do bebé para um novo ponto de interesse (Tomasello & Farrar, 1986, *in* Carpenter et al., 1998).

Face ao exposto, e como já anteriormente referido, considera-se que os episódios de atenção partilhada promovem a aquisição da linguagem uma vez que estes tipos de interacções sociais mediadas por um objecto ajudam os bebés a identificar o pretendido na linguagem dos pais, facilitando assim as conexões entre palavra-objecto (Dunham & Dunham; 1992, Ninio e Bruner, 1978; Tomasello, 1988 *in* Morales, Mundy, Delgado, Yale, Messinger, Neal & Schwartz, 2000).

Garton (1992) afirma que o contexto de resolução de um problema em conjunto é a situação ideal para observar os processos de interacção social entre um adulto e um bebé, uma vez que este tipo de contextos é geralmente instrutivo, e que ambos os participantes se concentram com vista ao objectivo de solucionar o problema.

De facto, grande parte do desenvolvimento léxico que se verifica no segundo ano de vida do bebé ocorre em situações de aprendizagem social acidental, nas quais a criança tem de discriminar, de entre um conjunto de estímulos ambientais, o objecto ou acontecimento a que o parceiro de interacção se refere (Mundy & Sigman, 2006). Assim, é a capacidade de seguir o olhar do parceiro de interacção que permitirá ao bebé reduzir o número de estímulos potenciais a atender, aumentando a probabilidade de aprender o vocábulo referente ao discurso.

Nesta linha, verifica-se que, são as diferenças individuais ao nível das capacidades de atenção partilhada, como a capacidade de seguir a direcção do olhar do outro, que poderão afectar significativamente a aquisição da linguagem devido à influência que essas

competências poderão ter ao nível dos processos de ligação entre a palavra que o adulto refere e o objecto alvo que o bebé vai associar a ela (Baldwin, 1995 *in* Morales et al., 2000). Confirma-se a importância da capacidade de seguir o olhar do outro no que concerne à aquisição da linguagem, uma vez que esta permite ao bebé organizar as condições em que frequentemente ocorre a aprendizagem da linguagem.

Morales e colegas (2000) verificaram que a resposta à partilha da atenção (seguir o olhar, o apontar e as verbalizações do outro) aos 6, 8 e 10 meses se correlaciona significativamente e positivamente com a compreensão da linguagem aos 30 meses e com o vocabulário expressivo aos 24 e 30 meses. Na mesma linha, Mundy e colegas (2007, *in* Oliveira 2008) verificaram que a resposta à partilha da atenção (seguir o olhar e apontar) aos 12 meses e a iniciação de partilha da atenção aos 18 meses predizem o desenvolvimento da linguagem aos 24 meses.

Outras pesquisas sugeriram também que a ocorrência de resposta do bebé a sugestões do adulto de atenção partilhada pode ter uma forte correlação com as primeiras capacidades de linguagem receptiva no bebé (Mundy & Gomes, 1998). Tem sido observado que, responder a atenção partilhada pode predizer o desenvolvimento da linguagem até ao terceiro ano em amostras "de risco" aos 12 a 13 meses (Ulvund & Smith, 1996; Willoughby, Mundy, & Claussen, 1997 *in* Morales et al., 2000), podendo predizer ainda o desenvolvimento da linguagem logo a partir de 6 meses de idade (Morales, Mundy, & Rojas, 1998 *in* Morales et al., 2000).

Por outro lado, dificuldades em se envolver em comportamentos de atenção partilhada foram identificadas como um marcador precoce de posterior prejuízo sócio-cognitivo ao nível da linguagem em bebés com risco de desenvolvimento de perturbações como o autismo (Dawson, Toth, Abbott, Osterling, Munson, Estes & Liaw, 2004; Mundy & Neal, 2001; Sigman & Ruskin, 1999; Ulvund & Smith, 1996; Yoder, Warren, & McCathren, 1998 *in* Osório et al., 2011).

Capítulo 2 - Objectivos do Estudo

Tendo em conta que a atenção partilhada pode ser promovida por uma relação especial entre o bebé e a mãe ou outra figura de vinculação, e uma vez que, o contexto institucional se caracteriza por privação de cuidados de qualidade, este estudo centra-se numa amostra de crianças institucionalizadas em Centros de Acolhimento Temporários (CAT).

É um objectivo desta investigação verificar se o facto de a população institucionalizada ser uma população privada de experiências normativas adequadas ao desenvolvimento têm influência ao nível de marcos desenvolvimentais que são esperados emergir no bebé numa determinada altura.

Desta forma, observou-se e avaliou-se a manifestação de comportamentos de atenção partilhada em bebés institucionalizados, incidindo nas suas dimensões *Resposta do bebé a sugestões do adulto de Atenção Partilhada (RJA)* e *Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé (IJA)*, tendo sido utilizado para tal um paradigma de interacção criança – cuidador. Por outro lado, pretendeu-se ainda investigar se variáveis relativas à prestação de cuidados, como a Sensibilidade e Cooperação do cuidador com o bebé possuem alguma influência ao nível da ocorrência de episódios de atenção partilhada. Por fim, analisou-se se a manifestação de episódios de atenção partilhada nos bebés aos 9 e aos 12 meses de idade, poderá estar relacionada com o desenvolvimento da linguagem aos 18 meses.

Esta investigação decorreu num ambiente naturalista, nas próprias instituições em que os bebés residem, com o cuidador que mais tempo despendeu com cada bebé ao longo do seu percurso no CAT. Com vista à análise de diferenças relativamente à ocorrência de episódios de atenção partilhada nos bebés ao longo do tempo, as interacções entre o bebé e o cuidador foram observadas em dois momentos temporais distintos - aos 9 e aos 12 meses de idade, em dois contextos: Jogo Livre – de modo a traduzir o comportamento da díade em situações do quotidiano - e Jogo Semi-estruturado – em que o cuidador recebe instruções específicas e o objecto consiste num brinquedo não-familiar, adequado para bebés com uma idade desenvolvimental mais elevada. As interacções foram realizadas aos 9 e aos 12 meses, em concordância com o período desenvolvimental de emergência da atenção partilhada referido na literatura.

Deste modo, a primeira questão de investigação do estudo propõe-se caracterizar a manifestação de comportamentos de atenção partilhada em bebés institucionalizados, aos 9 e aos 12 meses e, em diferentes contextos, ou seja, em interacção de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado. Deste modo, pretende observar-se qual a evolução desenvolvimental das

capacidades de manifestação de atenção partilhada em bebés institucionalizados, se se verificam diferenças entre a *Resposta do bebé a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* e a *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* nestes dois momentos e contextos. Por outro lado, com vista a uma compreensão mais abrangente desta questão, importa também verificar se existem diferenças nas estratégias que o cuidador utiliza aos 9 e aos 12 meses para interagir com o bebé nas duas condições abordadas neste estudo e ainda, se se verifica alguma associação entre as estratégias utilizadas pelo cuidador e a manifestação de comportamentos de *Resposta do Bebé a Sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* e a *Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* nas interações de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado aos 9 e 12 meses.

A segunda questão de investigação do estudo relaciona a manifestação de comportamentos de atenção partilhada e a Sensibilidade e Cooperação do cuidador nas interações. Assim pretende-se averiguar se um maior nível de Sensibilidade e Cooperação do cuidador com o bebé incita maior número de comportamentos de *Resposta do Bebé a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* e a *Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*. Através desta questão pode ainda verificar-se se a quantidade de estratégias utilizadas pelo cuidador nas interações com o bebé está associada a uma maior ou menor Cooperação e Sensibilidade deste.

A terceira e última questão de investigação incide na relação entre a manifestação de comportamentos de atenção partilhada aos 9 e 12 meses e a avaliação do desenvolvimento da Linguagem aos 18 meses. Será que a manifestação de um maior número de comportamentos de atenção partilhada aos 9 e 12 meses está associada a um desenvolvimento mais elevado das capacidades linguísticas do bebé ao ano e meio de idade?

Face ao exposto, este estudo visa então esclarecer as seguintes questões de investigação:

Como se caracteriza a manifestação de atenção partilhada em bebés institucionalizados avaliados aos 9 e aos 12 meses, em contexto de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado?

Qual a relação entre a manifestação de comportamentos atenção partilhada aos 9 e aos 12 meses, em contexto de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado, e a sensibilidade e cooperação do cuidador nas interações?

Qual a relação entre a manifestação de comportamentos de atenção partilhada aos 9 e 12 meses, em contexto de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado, e a avaliação da linguagem aos 18 meses?

Capítulo 3 – Metodologia

Esta investigação insere-se no âmbito de um estudo longitudinal, desenvolvido por uma equipa da Universidade do Minho sob a coordenação da Professora Doutora Isabel Soares, que visa acompanhar o desenvolvimento sócio-emocional e sócio-cognitivo de uma amostra de crianças institucionalizadas, até aos 30 meses de idade (0, 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 ou 30 meses) numa perspectiva ecológica, com especial incidência nas variáveis da criança, dos cuidadores e do contexto.

3.1 – Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 28 bebés, 16 do sexo masculino (55,1%) e 12 do sexo feminino (42,9%).

Os dados foram recolhidos em 13 Centros de Acolhimento Temporário (CAT) dos distritos de Braga e Porto, envolvendo 30 cuidadores diferentes, sendo que apenas 7 cuidadores participaram no estudo com mais de um bebé. Todos os cuidadores pertencem ao sexo feminino.

As instituições foram escolhidas devido à proximidade geográfica e os bebés seleccionados com base na sua idade. O Cuidador é a pessoa que passou mais tempo com o bebé aquando os primeiros dias de entrada no CAT.

Os critérios de exclusão para a participação no estudo foram a presença de défices mentais ou físicos e ainda síndromes genéticas.

3.2 – Procedimento

Todas as observações foram gravadas em vídeo, sendo que as seleccionadas para este estudo dividiram-se em dois momentos. Nos primeiros 3 minutos de interacção, foi pedido à cuidadora que brincasse livremente com o bebé, com os brinquedos da *Bayley III* (3ª edição; Bayley, 2006), com o objectivo de obter uma aproximação mais fidedigna do funcionamento frequente da díade. No final reservavam-se mais 3 minutos de interacção que consistiam em realizar uma tarefa de jogo semi-estruturado com um balde de encaixes (Martins, 2007). O brinquedo consistia num balde fechado, no qual a tampa é perfurada com formas geométricas (por exemplo, estrelas, quadrados, triângulos), e formas tridimensionais que se inserem nesses encaixes. Nesta fase, a cuidadora recebeu instruções específicas para ajudar o bebé a inserir as peças no local apropriado, uma vez que esta tarefa estaria acima do seu nível desenvolvimental (jogo recomendado para crianças com mais de 12 meses). Importa salientar que, a tarefa dos encaixes (Martins, 2007) não foi originalmente desenhada para avaliar a atenção partilhada, contudo, uma vez que incide sobre

interacções entre o bebé, um adulto e um objecto, permite obter informação suficientemente válida para cumprir os objectivos propostos.

Todos os procedimentos realizados aos 9 meses foram reproduzidos na interacção realizada posteriormente aos 12 meses.

Durante a interacção do bebé com a cuidadora foi também avaliada a Sensibilidade e a Cooperação desta com o bebé através da utilização das *Maternal Sensitivity Scales* (Ainsworth et al., 1978), sendo que, aos 18 meses foi ainda realizada a avaliação do percentil de linguagem da *Bayley III* (3ª edição; Bayley, 2006).

3.3 – Instrumentos

Sistema de Cotação da Atenção Partilhada

Os 3 minutos de interacção bebé-cuidador-brinquedo foram cotados usando uma adaptação do Sistema de Cotação da Atenção Partilhada desenvolvido por Martins (2003).

Foi realizada a cotação da interacção de jogo livre (adulto e bebé brincam como normalmente fazem, com os brinquedos da *Bayley*) e de jogo semi-estruturado (tarefa do balde de encaixes) aos 9 e aos 12 meses.

O esquema original de cotação contempla a codificação do tempo que cada interacção dura. No entanto, dado que os vídeos recolhidos do projecto de investigação não tinham por objectivo principal avaliar a atenção partilhada, neste estudo não foi possível cotar, de forma fiável, a duração dos episódios de atenção partilhada, pelo que a dimensão tempo de duração do episódio foi excluída desta análise. Sendo assim, os comportamentos de atenção partilhada foram cotados apenas em termos de frequência.

O foco da desta análise recai sobre a ocorrência de tentativas de direccionar a atenção do parceiro social para um alvo específico (normalmente um brinquedo, atendendo ao contexto em que a interacção decorre) e a resposta do bebé às sugestões de partilha de atenção iniciadas pelo adulto.

Neste sentido, foram considerados os seguintes comportamentos:

a) Estratégias do adulto

Foram cotados sete tipos de comportamentos que o adulto (cuidador) podia desempenhar para provocar a ocorrência de episódios de atenção partilhada e que incluíam: *envolver com contacto* (cócegas e toques com o brinquedo no corpo do bebé); *animar* um brinquedo (movimentos exagerados ou expressivos para entreter o bebé, jogos do “dá-e-tira” ou “esconde-esconde”); *mostrar* o brinquedo (apresentá-lo ao nível do olhar do bebé sem intenção de oferecê-lo); *oferecer* o brinquedo; *apontar* (com o dedo indicador estendido numa determinada direcção); *demonstrar* uma acção no brinquedo (realizar acções

específicas que pretende que sejam repetidas pelo bebé); e *directivas verbais* (direccionar verbalmente a atenção do bebé, sugerir comportamentos para esta realizar ou colocar questões acerca do paradeiro de um brinquedo).

Usando uma tipificação definida por Osório e colaboradores (2011), estes comportamentos foram posteriormente reduzidos a três categorias mediante três funções principais que desempenham: *Entretém*, que compreende os comportamentos *envolver com contacto* e *animar*; *Ensina*, que inclui *demonstrar* e *apontar*; e *Direcciona a Atenção*, que engloba as estratégias *mostrar* e *oferecer*, bem como as *directivas verbais*. Foi ainda obtido um valor total incorporando o número total de todas as estratégias apresentadas pelo cuidado para desencadear atenção partilhada.

b) Resposta do bebé às estratégias do adulto

Após a ocorrência de cada comportamento do cuidador, foi cotada a resposta do bebé. Para isso foram definidas as seguintes categorias de resposta do bebé: *Atenção Paralela* (o bebé envolve-se na actividade mas sem estabelecer contacto ocular com o cuidador); *Seguir com Atenção Partilhada* (também definido como RJA, o bebé envolve-se na actividade e, em simultâneo, alterna o olhar entre o cuidador e o brinquedo); ou *Ignora* (em que o bebé não evidencia qualquer sinal de estar envolvido na actividade, não olhando em momento algum para a acção do cuidador). Contudo, nesta investigação em particular apenas nos interessam as respostas que conduziram a momentos de atenção partilhada, incluídas na segunda categoria de resposta (Seguir com Atenção Partilhada ou RJA).

c) Estratégias do bebé para iniciar atenção partilhada (IJA)

Os comportamentos usados pelo bebé para iniciar atenção partilhada incluem: *animar* um brinquedo (movimentar o brinquedo com o objectivo de obter a atenção do cuidador); *oferecer* um brinquedo (erguer o brinquedo na direcção do cuidador para este segurar); e *apontar* (dedo indicador estendido na direcção de um alvo específico). Esta última categoria engloba o apontar comunicativo e não-comunicativo.

À excepção do apontar de natureza não-comunicativa, todos os restantes comportamentos implicam que o bebé olhe para a face do cuidador em algum momento da acção. As diferentes estratégias do bebé foram combinadas num único total que incorpora o somatório das frequências dos três comportamentos da criança com vista a iniciar atenção partilhada.

Foram cotadas as interacções de ambos os momentos (9 e 12 meses) no jogo livre e semi-estruturado num total de 110 interacções. A cotação de cada uma delas demorou, em média, entre 1h30 a 3h.

Um segundo júiz independente, previamente treinado na codificação dos comportamentos supramencionados, cotou 20% ($n = 22$) dos vídeos da amostra para cada interacção.

O acordo inter-observadores foi obtido através do cálculo de percentagem de acordo, em detrimento do *Kappa* de Cohen. Esta escolha deveu-se ao facto de no *Kappa* de Cohen uma das células da tabela de contingência, referente à Ausência – Ausência de comportamento, estar sempre vazia, pois não são contabilizadas as vezes que não são identificados comportamentos que não ocorrem. Assim, de modo a não comprometer e/ou penalizar a fiabilidade do acordo, a percentagem de acordo teve como numerador o número de acordos, apenas considerado como tal quando ambos os júizes identificam a mesma estratégia num mesmo momento temporal (por exemplo, no minuto 00:02:15, o juiz A e B identificam um comportamento de apontar dirigido para o mesmo alvo), dividido pelo número total de acordos e desacordos identificados pelos diferentes observadores (somatório de todos os comportamentos identificados em comum ou que um dos júizes referiu e o outro não).

Posto isto, o acordo inter-observadores obteve uma percentagem de acordo média para as categorias do Cuidador: *Envolve em Contacto* = 91,25%; *Anima um brinquedo* = 85,17%; *Mostra um Brinquedo* = 80,01%; *Oferece um Brinquedo* = 77,48%; *Apona* = 84,51%; *Demonstra* = 81,85%; fornece *Directivas Verbais* = 88,16% e, para as categorias do bebé: *Bebé Responde a Atenção partilhada* = 89,37% e *Bebé Inicia Atenção Partilhada* = 92,42%.

Sistema de cotação da Sensibilidade e Cooperação do cuidador

A qualidade da interacção entre cuidador/bebé foi avaliada através das *Maternal Sensitivity Scales* (Ainsworth et al., 1978). As *Maternal Sensitivity Scales* (Ainsworth et al., 1978), construídas com base na perspectiva da vinculação e são compostas por 4 escalas.

Neste estudo, foram utilizadas as duas primeiras (i.e., *sensibilidade versus insensibilidade* e *cooperação versus interferência*). A *sensibilidade vs insensibilidade* visa avaliar a competência do adulto para perceber e interpretar correctamente os sinais da criança e, perante isso, responder a esses sinais e comportamentos prontamente e de forma adequada. É uma escala de 9 pontos, em que 9 corresponde a um adulto altamente sensível, 5 a um adulto sensível inconsistente e 1 a um adulto altamente insensível. Neste estudo, foi obtida uma cotação única, tendo por base o total de minutos de interacção adulto/criança.

A *cooperação vs interferência* indica em que medida as intervenções do adulto (não) quebram, interrompem ou limitam a actividade em que a criança está envolvida. É,

igualmente, uma escala de 9 pontos, em que 9 corresponde a um adulto altamente cooperante, 5 a um adulto moderadamente cooperante e 1 a um adulto altamente interferente. Nesta escala, obteve-se uma cotação para cada um dos episódios de interacção: jogo livre e jogo semi-estruturado.

Para este trabalho empírico, dois pares de juizes foram treinados por uma formadora, e, de seguida, ambos cotaram os vídeos de cada interacção separada e individualmente.

No que concerne ao acordo inter-observadores, para a cotação da escala *Sensibilidade*, com base em 24.39% de vídeos cotados em conjunto, obtiveram-se os seguintes valores de Coeficiente de Correlação Intra-Classes (ICC): ICC_{par1} = .90; ICC_{par2} = .87. Relativamente à escala *Cooperação* utilizada na interacção de jogo livre, com base em 17.07% de vídeos cotados em conjunto, obtiveram-se os seguintes valores de ICC: ICC_{par1} = .88; ICC_{par2} = .95. Por fim, na escala *Cooperação*, mas neste caso, na interacção em contexto de jogo semi-estruturado, com base em 16.67% de vídeos cotados em conjunto, obtiveram-se os seguintes valores de ICC: ICC_{par1} = .97; ICC_{par2} = 1.00.

Sistema de Avaliação da Linguagem

No que concerne à avaliação da linguagem, foi utilizada a *Bayley Scales of Infant and Toddler Development* (3ª edição; Bayley, 2006). Esta bateria inclui uma escala de avaliação da linguagem, dividida em sub-escalas de linguagem receptiva e expressiva.

A sub-escala da comunicação receptiva inclui 49 itens com vista a avaliar o comportamento “pré-verbal”, o desenvolvimento morfológico e do vocabulário, por outro lado, a sub-escala da comunicação expressiva inclui 48 itens concebidos para avaliar a comunicação “pré-verbal” como balbuciar, gesticular, nomear objectos e figuras e também o desenvolvimento morfo-sintáctico como a composição de frases.

A soma destes itens deu lugar a um *score* bruto que foi depois convertido para percentis através das tabelas de conversão da *Bayley*.

Capítulo 4 – Resultados

Devido ao facto de a maioria das variáveis em estudo não cumprir os pressupostos para a normalidade das distribuições, optou-se pela realização de testes estatísticos não paramétricos para a análise dos dados de todas as questões de investigação (Martins, 2011).

Uma vez que algumas das interações gravadas não completavam a duração total de 3 minutos de interação entre o bebé e o cuidador e, uma vez que este período de tempo é por si só um pouco curto, para não o diminuir ainda mais, optou-se por realizar (para os vídeos com duração inferior a 3 minutos) uma proporção da frequência de cada estratégia / comportamento observado na interação, com base no tempo total das restantes interações gravadas.

4.1. Caracterização dos comportamentos de atenção partilhada do bebé e estratégias do cuidador em função do momento - 9 e 12 meses, e do contexto - Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado.

Os resultados dos Testes de *Wilcoxon* para a caracterização dos dois momentos temporais de avaliação – 9 e 12 meses (Tabela 1), revelam que, no que concerne ao contexto de Jogo Livre, há diferenças estatisticamente significativas entre as interações realizadas aos 9 e os 12 meses no que diz respeito à *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* (IJA), $Z = -2.83$, $p = .005$, sendo que se verifica um aumento do número de comportamentos de *Iniciação da Atenção Partilhada por parte do bebé* dos 9 meses ($M = .33$, $DP = .92$) para os 12 meses ($M = 1.50$, $DP = 1.97$).

Observaram-se também diferenças entre o momento de avaliação aos 9 meses e aos 12 meses na interação de Jogo Semi-estruturado ao nível da *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*, contudo, estas diferenças são marginalmente significativas, $Z = -1.90$, $p = .058$, verificando-se assim que tende a existir maior ocorrência de episódios de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* aos 12 meses ($M = .50$, $DP = .96$) do que aos 9 meses ($M = .19$, $DP = .48$).

Importa salientar que, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as interações realizadas aos 9 e aos 12 meses relativamente à *Resposta do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* (RJA).

Relativamente à utilização de estratégias por parte do cuidador observaram-se diferenças marginalmente significativas ao nível da categoria *Entretém*, $Z = -1.88$, $p = .060$, sendo que se verifica que os cuidadores tendem a realizar um maior número de estratégias

para entreter o bebé aos 9 meses ($M = 10.33$, $DP = 8.27$) do que aos 12 meses ($M = 7.39$, $DP = 5.66$) e, no que concerne à categoria *Ensina*, verificaram-se resultados estatisticamente significativos, $Z = 2.74$, $p = .006$, observando-se a utilização por parte do cuidador de um maior número de estratégias para ensinar o bebé aos 12 meses ($M = 18.20$, $DP = 10.55$) do que na interacção realizada aos 9 meses ($M = 13.06$, $DP = 9.36$).

Tabela 1: Diferenças da manifestação de comportamentos de atenção partilhada no bebé e das estratégias do cuidador em função do momento (9 e 12 meses).

		Adulto			Bebé		
		Total Estratégias	Entretém	Ensina	Direccional Atencção	RJA	IJA
Z	Livre	-.67	-.97	- 1.15	-.46	-.49	- 2.83**
	Semi- estruturado	- 1.61	- 1.88 ⁺	2.74**	- 1.03	-.03	- 1.90 ⁺

** $p < .01$, ⁺ $p < .10$

Relativamente ao contexto de interacção, os resultados do Teste de *Wilcoxon* revelaram que, aos 9 meses, se verificam diferenças estatisticamente significativas na manifestação de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada*, $Z = -2.03$, $p = .043$, existindo maior manifestação de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* na interacção de Jogo Livre ($M = 2.15$, $DP = 3.89$) do que na interacção de Jogo Semi-estruturado ($M = .78$, $DP = 1.66$).

Por outro lado, aos 12 meses, não só se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível dos episódios de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada*, $Z = -2.84$, $p = .004$, como também ao nível da *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*, $Z = -2.26$, $p = .024$. Desta forma, foi observada maior ocorrência de ambos os comportamentos na interacção de Jogo Livre (RJA - $M = 1.75$, $DP = 1.69$; IJA - $M = 1.50$, $DP = 1.97$) comparativamente com a interacção de Jogo Semi-estruturado (RJA - $M = .62$, $DP = .90$; IJA - $M = .50$, $DP = .96$).

No que concerne ao cuidador, os resultados obtidos nas interacções aos 9 meses mostram a existência de diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à utilização da categoria *Entretém*, $Z = -3.55$, $p = < .001$, verificando-se a presença de um maior número de estratégias para entreter o bebé em situação de Jogo Livre ($M = 21.87$, $DP = 9.92$) do que na interacção de Jogo Semi-estruturado ($M = 10.33$, $DP = 8,27$). Observaram-se também diferenças estatisticamente significativas relativamente à categoria *Ensina*, $Z = -4.23$, $p = < .001$, sendo que se verificou maior manifestação deste tipo de

estratégias em situação de Jogo Semi-estruturado ($M = 13.06$, $DP = 9.36$) do que na interacção de Jogo Livre ($M = 2.44$, $DP = 3.08$).

Relativamente às interacções realizadas aos 12 meses, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível da categoria do cuidador *Entretém*, $Z = -4.50$, $p < .001$, observando-se, concomitantemente ao sucedido aos 9 meses um maior número de estratégias com vista a entreter o bebé na interacção de Jogo Livre ($M = 20.57$, $DP = 11.10$) do que em Jogo Semi-estruturado ($M = 7.39$, $DP = 5.65$). O mesmo se afere ao nível do número de estratégias com vista a ensinar o bebé, $Z = -4.23$, $p < .001$, uma vez que, tal como aos 9 meses, observa-se maior utilização deste tipo de estratégia em situação de Jogo Semi-estruturado ($M = 18.20$, $DP = 10.55$) do que em Jogo Livre ($M = 3.54$, $DP = 3.62$).

Tabela 2: Diferenças da manifestação de comportamentos de atenção partilhada no bebé e das estratégias do cuidador em função da condição (Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado).

		Adulto			Bebé		
		Total Estratégias	Entretém	Ensina	Direcciona Atenção	RJA	IJA
Z	9 meses	-.19	-3.55***	-4.23***	-.85	-2.03*	-.60
	12 meses	-.95	-4.50***	-4.42***	-1.10	-2.84*	-2.26*

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

De modo a enriquecer esta questão de investigação, foi ainda realizado o Coeficiente de Correlação de *Spearman* com vista a verificar a existência de associação entre o tipo de estratégias utilizadas pelo cuidador e a manifestação de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada e Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* nas interacções de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado aos 9 e 12 meses (Tabelas 3 e 4).

Os resultados obtidos permitem afirmar a existência de uma associação positiva marginalmente significativa entre o número de estratégias realizadas pelo cuidador e a ocorrência de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* na interacção de Jogo Livre aos 9 meses, $r_s = .35$, $p = .076$, sendo que, maior número de estratégias realizadas pelo cuidador tende a estar associado a maior ocorrência de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada*.

Relativamente ao Jogo Semi-estruturado, observou-se uma associação positiva estatisticamente significativa entre a manifestação de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada e Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*, $r_s = .43$, $p = .022$, aos 12 meses, o que revela que maior número de

Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada está associado a maior manifestação de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*.

Tabela 3: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de **Jogo Livre** aos 9 e 12 meses.

				Cuidador	Bebé
				Total Estratégias	RJA
Cuidador	Total Estratégias	9 meses (n = 27)		---	---
		12 meses (n = 28)		---	---
Bebé	RJA	9 meses (n = 27)		.35 ⁺	---
		12 meses (n = 28)		.06	---
	IJA	9 meses (n = 27)		-.22	.31
		12 meses (n = 28)		-.05	.11

⁺ $p < .10$

Tabela 4: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de **Jogo Semi-estruturado** aos 9 e 12 meses.

				Cuidador	Bebé
				Total Estratégias	RJA
Cuidador	Total Estratégias	9 meses (n = 27)		---	---
		12 meses (n = 28)		---	---
Bebé	RJA	9 meses (n = 27)		.24	---
		12 meses (n = 28)		.07	---
	IJA	9 meses (n = 27)		.04	.05
		12 meses (n = 28)		-.21	.43 [*]

^{*} $p < .05$

4.2. Associações entre as Respostas do bebé a comportamentos do Adulto de Atenção Partilhada e Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé e, as estratégias do cuidador - Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado, 9 e 12 meses - com a Sensibilidade e Cooperação do cuidador e, a avaliação da Linguagem aos 18 meses.

Para a verificação da segunda questão de investigação - Qual a relação entre a manifestação de comportamentos de atenção partilhada e a sensibilidade e cooperação do cuidador nas interações? – e, ainda, da terceira e última questão de investigação deste estudo - Qual a relação entre a manifestação de comportamentos de atenção partilhada aos 9 e 12 meses e a avaliação da linguagem aos 18 meses? – foi realizado o Coeficiente de Correlação de *Spearman* (Tabelas 5 e 6).

Os resultados relativamente à possível relação entre comportamentos de atenção partilhada e a Sensibilidade e Cooperação do cuidador revelaram que se verifica uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a Cooperação do cuidador e a manifestação de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* na interação de Jogo Livre, aos 9 meses ($r_s = -.42, p = .025$), sendo que um maior número de *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* está associado a um nível menor de Cooperação por parte do cuidador.

No que diz respeito à interação de Jogo Semi-estruturado, aos 9 meses, verificou-se uma correlação negativa estatisticamente significativa entre o total de estratégias realizadas pelo cuidador e a sua Cooperação, $r_s = -.40, p = .042$, concluindo-se então que, quanto maior o número de estratégias realizadas pelo cuidador, menor é a sua Cooperação com o bebé.

Outro resultado a salientar a interação de Jogo Semi-estruturado, é a existência de uma correlação positiva marginalmente significativa entre a ocorrência de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* e a Cooperação do cuidador aos 12 meses, $r_s = .34, p = .083$, que sugere que maior ocorrência de episódios de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* tende a estar associado a um nível mais elevado de Cooperação por parte do cuidador.

Importa ainda referir que, relativamente à medida Sensibilidade do cuidador, todos os resultados foram estatisticamente não significativos, o que sugere não existir qualquer associação entre as *Respostas do bebé a sugestões do Adulto de Atenção Partilhada* e a *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* e o nível de Sensibilidade do cuidador para com o bebé.

Por fim, os resultados concernentes à última questão de investigação do estudo revelaram a existência de uma correlação positiva marginalmente significativa entre a manifestação de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé* na interacção de *Jogo Livre*, aos 12 meses, e o percentil de avaliação do desenvolvimento da Linguagem aos 18 meses, $r_s = .43$, $p = .098$, demonstrando que bebés que revelam maior manifestação de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada* aos 12 meses, tendem a possuir um desenvolvimento mais proeminente da Linguagem aos 18 meses.

O último resultado a salientar refere-se à interacção de *Jogo Semi-estruturado*, onde se verifica, aos 9 meses, uma correlação positiva marginalmente significativa entre a manifestação de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada* e o percentil de avaliação do desenvolvimento da Linguagem aos 18 meses, $r_s = .45$, $p = .094$, revelando que os bebés que manifestaram maior ocorrência de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada*, em interacções de *Jogo Semi-estruturado*, aos 9 meses, possuíam um desenvolvimento da Linguagem mais acentuado aos 18 meses.

Tabela 5: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de de RJA e IJA do bebé em situação de **Jogo Livre** aos 9 e 12 meses, com a sensibilidade e cooperação do cuidador e a avaliação da linguagem aos 18 meses.

		Cuidador			Bebé
			Sensibilidade	Cooperação	Linguagem (18 meses $n = 16$)
Cuidador	Total	9 meses (n = 27)	.09	- .01	.27
	Estratégias	12 meses (n = 28)	- .09	- .13	.01
Bebé	RJA	9 meses (n = 27)	- .24	- .43*	.18
		12 meses (n = 28)	.00	.05	- .33
	IJA	9 meses (n = 27)	- .04	.14	- .14
		12 meses (n = 28)	- .13	- .06	.43*

* $p < .05$, + $p < .10$

Tabela 6: Associações entre as estratégias do cuidador, e a manifestação de RJA e IJA do bebé em situação de **Jogo Semi-estruturado** aos 9 e 12 meses, com a sensibilidade e cooperação do cuidador e a avaliação da linguagem aos 18 meses.

		Cuidador			Bebé
			Sensibilidade	Cooperação	Linguagem (18 meses <i>n</i> = 16)
Cuidador	Total Estratégias	9 meses (<i>n</i> = 27)	.32	- .40*	.21
		12 meses (<i>n</i> = 28)	- .00	- .15	- .08
Bebé	RJA	9 meses (<i>n</i> = 27)	.23	.04	.09
		12 meses (<i>n</i> = 28)	.12	.26	.19
	IJA	9 meses (<i>n</i> = 27)	.00	- .08	.45*
		12 meses (<i>n</i> = 28)	.20	.34*	.34

* $p < .05$, + $p < .10$

Capítulo 5 - Discussão dos Resultados

A presente investigação propunha-se abordar algumas questões relevantes no que respeita à manifestação de episódios de atenção partilhada em bebés institucionalizados.

Se por um lado, era um objectivo, compreender se a evolução temporal no último trimestre de vida do bebé, é consistente com evoluções no que concerne à ocorrência de episódios de atenção partilhada, por outro lado, pretendia-se verificar o efeito do contexto, uma vez que se possuíam duas condições de avaliação da interacção (Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado). Nestas duas questões, propôs-se também a verificação da ocorrência de diferenças não só ao nível da manifestação de episódios de atenção partilhada por parte do bebé, como ainda se procedeu à análise de comportamentos do cuidador de cada bebé em cada interacção, nos diferentes momentos temporais.

Os resultados obtidos apontaram para um papel relevante do momento no qual a interacção decorre, sendo que foram observados aumentos na *Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*, dos 9 para os 12 meses, tanto na interacção de Jogo Livre como de Jogo Semi-estruturado, o que vai de encontro a afirmações já existentes na literatura, sugerindo que o desenvolvimento da atenção partilhada nos bebés tende a aumentar com a idade (Trevarthen & Hubley, 1978 *in* Martins, 2003).

Outro resultado que se verificou congruente aos 9 e aos 12 meses na interacção de Jogo Livre e Jogo Semi-estruturado relaciona-se com a manifestação do bebé de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada*. Neste caso, observa-se um aumento da ocorrência de episódios de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* por parte do bebé na interacção de Jogo Livre comparativamente com o presenciado em Jogo Semi-estruturado. Este resultado pode ser explicado pelo facto de os cuidadores controlarem mais a interacção no Jogo Semi-estruturado do que acontece em Jogo Livre, em que apenas foi solicitado que brincassem como normalmente fazem com a criança. Por conseguinte, a instrução dada aos cuidadores antes de iniciar a tarefa Semi-estruturada, pode ter influenciado o seu comportamento durante a interacção, conduzindo-os à utilização de um maior número de estratégias com vista a incitar a atenção partilhada no bebé.

Ainda nesta linha observaram-se dois resultados interessantes, o primeiro, na interacção aos 9 meses em contexto de Jogo Livre, onde se verificou que um maior número de estratégias realizadas pelo cuidador na interacção, independentemente do seu carácter, estava associado ao número de episódios de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada*, este resultado leva-nos a inferir que a realização de mais estratégias por parte do cuidador, poderá levar à probabilidade de ocorrência de mais *Resposta a sugestões do*

adulto de Atenção Partilhada por parte do bebé. Outro resultado relevante prende-se com a verificação de uma correlação também positiva entre a manifestação de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* e a *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada por parte do bebé*, aos 12 meses, em contexto de Jogo Semi-estruturado, levando a inferir que quando a ocorrência de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* é maior, isso poderá levar o bebé a iniciar mais comportamentos de atenção partilhada. Uma explicação para este facto poderá estar relacionada com a consequência que advém do episódio de atenção partilhada, ou seja, o tipo e importância da recompensa que a criança recebe por partilhar a sua atenção com um adulto face a um ponto de referência comum (Mateus, 2011), que pode criar condições favoráveis à iniciação por parte do bebé de episódios de atenção partilhada.

Face ao exposto, com vista à caracterização das capacidades de Atenção Partilhada nos bebés, apesar das particularidades desenvolvimentais da amostra estudada, podemos destacar que, verifica-se uma evolução ao nível da manifestação de comportamentos de *Iniciação de Atenção Partilhada* ao longo do tempo, independentemente do contexto de interacção ser de Jogo Livre ou de Jogo Semi-estruturado, verificando-se contudo a existência de um efeito do contexto, na medida em que se observou maior ocorrência de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* e *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada* na interacção de Jogo Livre aos 12 meses e, aos 9 meses, observou-se também um efeito significativo do contexto de Jogo Livre no que concerne à manifestação de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* por parte do bebé.

Outro resultado interessante a salientar, prende-se com a utilização de estratégias comportamentais pelos cuidadores, onde se verificou que o modo de cativar a atenção do bebé varia conforme a sua idade. Neste caso, em interacção de Jogo Semi-estruturado, observou-se uma maior utilização de estratégias com vista a *Entreter* o bebé nas interacções avaliadas aos 9 meses e uma maior utilização de estratégias para *Ensinar* o bebés aos 12 meses. Estes resultados são interessantes na medida em que, podem sugerir um maior empenho dos cuidadores para ensinar os bebés a brincar com o brinquedo desenvolvimentalmente mais desafiante quando estes já estão mais avançados na idade, ao invés do que acontece aos 9 meses, em que possivelmente se preocupam mais em utilizar outro tipo de estratégias com vista a entreter o bebé de modo a mantê-lo mais envolvido na tarefa.

Por outro lado, ao analisar as possíveis diferenças entre a interacção de Jogo Livre e interacção de Jogo Semi-estruturado, verificou-se, ainda na linha da escolha das estratégias de envolvimento por parte do cuidador com o bebé, que, tanto aos 9 como aos 12 meses, os cuidadores investem em mais na utilização de estratégias com vista a *Entreter* o bebé na

interacção de Jogo Livre e, por outro lado, realizam mais estratégias com o intuito de *Ensinar* o bebé na interacção de Jogo Semi-estruturado. Assim, verifica-se que o modo como os cuidadores tentam cativar a atenção do bebé varia também conforme o contexto de interacção em que estão inseridos.

Estes factos apontam para um papel relevante do contexto, uma vez que na interacção de Jogo Livre, que é uma interacção mais familiar para a díade e ocorre sem a “pressão” de ter de ensinar um bebé a brincar com um brinquedo específico, podendo utilizar diversos brinquedos fornecidos, o cuidador vai investir mais em estratégias para entreter o bebé, mais leves, animando brinquedos ou proporcionando o contacto físico entre o bebé e os brinquedos. Por outro lado, no contexto de Jogo Semi-estruturado, uma vez que é solicitado previamente ao cuidador que tente ensinar o bebé a brincar correctamente com o balde de encaixes, o cuidador revela isso mesmo, uma maior preocupação e investimento em estratégias com vista a ensinar o bebé, servindo-se da realização de demonstrações informativas para o bebé ou mesmo o apontar.

Uma outra questão deste estudo remete para variáveis distintas relativas ao cuidador, neste caso, a sua Sensibilidade e Cooperação com o bebé.

A este nível, aos 9 meses, os resultados demonstram que se verifica uma associação negativa entre os episódios de *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada* e o nível de Cooperação do cuidador com o bebé em contexto de Jogo Livre. Este resultado aparentemente contraditório pode ser explicado se tivermos em conta outro resultado obtido que sugere que, um maior número de estratégias utilizadas pelo cuidador é sinónimo de mais *Resposta a sugestões do adulto de Atenção Partilhada*, contudo, observamos que, nem sempre um maior número de estratégias utilizado é sinal de maior envolvimento do cuidador com o bebé, senão vejamos: o contexto de Jogo Livre é o mais aproximado da realidade de brincadeiras que são susceptíveis de o bebé se envolver no dia-a-dia, este facto leva-nos a inferir que os cuidadores poderão ser menos cooperantes com os bebés com quem interagem, uma vez que podem, de certa forma, conferir menor importância ao carácter desenvolvimental da tarefa, outra questão ainda já discutida, relaciona-se com o momento de avaliação, neste caso, aos 9 meses, o bebé é ainda um ser frágil e dotado de um desenvolvimento intelectual um pouco mais delicado do que ao completar um ano de idade, o que pode também ser um factor de influência no que diz respeito ao nível de Cooperação que o cuidador vai evidenciar com o bebé.

Outro resultado ainda neste patamar, também associa negativamente a Cooperação do cuidador com o número total de estratégias utilizadas por ele, neste caso, em contexto de Jogo Semi-estruturado, aos 9 meses. A observação desta associação permite-nos deduzir que a quantidade de estratégias desenvolvidas pelo cuidador durante a interacção não está

relacionada com um nível mais elevado de cooperação deste com o bebé, o que faz sentido, uma vez que, o cuidador muitas vezes empenhado na realização de várias estratégias para atrair o bebé, inconscientemente não fornece espaço entre cada estratégia e não respeita o *timing* de resposta do bebé. A tarefa de Jogo Semi-estruturado, devido à utilização de um brinquedo complexo e acima do nível desenvolvimental do bebé, pode ainda suscitar alguns estados emocionais negativos neste, como a frustração quando o bebé não consegue executar com sucesso os pedidos do adulto ou, quando por imposição do adulto, se vê condicionado na sua exploração do brinquedo, podendo ocorrer desinteresse (Mateus, 2011). Um aspecto a ter em conta quando esta situação se verifica é a forma como o adulto procura regular essas emoções negativas e direccionar a atenção da criança novamente para a tarefa. Deste modo, estratégias de regulação emocional mais adaptativas por parte do adulto facilitarão a reorganização do comportamento do bebé, e a expressão de emocionalidade positiva e/ou neutra bem como a focalização da sua atenção na actividade novamente (Martins, 2007).

Um último resultado nesta linha, também no contexto de Jogo Semi-estruturado, mas aos 12 meses, permite observar a existência de um efeito da Cooperação do cuidador na manifestação episódios de *Iniciação de Atenção Partilhada pelo bebé*, sendo que, quando os cuidadores revelaram um maior nível de Cooperação, os bebés também iniciaram mais vezes comportamentos de atenção partilhada. Um estudo de Gaffan e colaboradores (2010), consolida as ideias de alguns autores e conclui que a criança experiencia consequências agradáveis e interessantes quando atende a um mesmo foco atencional que o adulto, assim sendo, as acções que o cuidador leva a cabo com o bebé, se forem cooperantes incentivam à iniciação de comportamentos de atenção partilhada. Se o bebé sentir que o seu envolvimento na interacção tem impacto no cuidador, irá empenhar-se e envolver-se mais em episódios de atenção conjunta.

É importante salientar que não foi encontrada nesta investigação qualquer associação no que concerne à Sensibilidade do cuidador. De facto, a análise exploratória dos valores cotados nas várias interacções para a Sensibilidade do cuidador resultaram numa media de 3.70 ($DP = 1.31$) (9 meses) e 3.41 ($DP = 1.37$) (12 meses), sendo que estes valores se situam entre a pontuação mais baixa, 1, que corresponde a um *adulto altamente insensível* e a pontuação 5 que equivale a um *adulto sensível inconsistente*, com base nas escalas de avaliação *Maternal Sensitivity Scales* de Ainsworth et al. (1974).

É provável que este resultado esteja associado a um tema já abordado neste estudo, que se prende com o facto de os cuidadores neste tipo de contextos diminuírem o seu envolvimento emocional com os bebés, na medida em que sabem de antemão que o seu percurso na instituição poderá ser curto. Esta questão poderá ainda ser entendida se

prestarmos atenção ao facto de, muitas vezes neste tipo de instituições existir falta de cuidadores para o elevado número de bebés que elas suportam, o que faz com que cada cuidador tenha de prestar cuidados a muitos bebés e que leva à necessidade de existência de regras rígidas de comportamento, o que pode levar à diminuição da sua sensibilidade com cada um deles.

O último ponto deste estudo centra-se no desenvolvimento da linguagem aos 18 meses. A este nível, verificou-se a existência de uma associação entre a manifestação de episódios de *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada* por parte do bebé, aos 9 meses, em contexto de Jogo Semi-estruturado e, aos 12 meses, em contexto de Jogo Livre, com o desenvolvimento da Linguagem na avaliação realizada aos 18 meses. Assim, podemos considerar que as capacidades de manifestação de episódios de atenção partilhada estão relacionadas com o desenvolvimento da Linguagem no bebé, facto que vem corroborar afirmações já elaboradas por outros investigadores (Carpenter et al., 1998, Morales et al., 2000, Mundy et al., 2007, Tomasello & Farrar, 1986, Tomasello e Todd, 1983, Van Hecke et al., 2007).

Face ao exposto, a ocorrência de interações sociais entre o adulto e o bebé, mediadas por um objecto, como é o caso de interações de atenção partilhada, podem, de facto, ajudar os bebés a identificar o pretendido na linguagem dos pais, ao utilizarem a experiência conjunta a que estão a vivenciar, com vista a compreender a linguagem utilizada pelo adulto.

Este estudo apresenta duas limitações principais. Por um lado, uma vez que as interações bebé-cuidador não foram originalmente filmadas para avaliar a atenção partilhada, não foi possível cotar a duração dos episódios em que a criança e o progenitor partilham o mesmo foco atencional. Assim, foi excluída desta análise, uma medida relevante no estudo da atenção partilhada e que poderia acrescentar ainda mais riqueza aos resultados encontrados. Outra limitação prende-se com o tempo de duração das interações, mais uma vez, devido ao facto destas interações não terem sido idealizadas para a avaliação da emergência da atenção partilhada, possuindo apenas uma duração de 3 minutos. Tendo em conta o Sistema de Cotação utilizado (Martins, 2003), que foi inicialmente estruturado para interações mais longas (10 minutos), poderíamos eventualmente ter desenvolvido um maior número de resultados, uma vez que os primeiros minutos de interacção são muitas vezes de reconhecimento da situação para o bebé e, caso a duração se alargasse, provavelmente se verificaria a ocorrência de um número mais abrangente e variado de estratégias, tanto no que diz respeito ao bebé, como ao cuidador.

Por outro lado, este estudo é ao mesmo tempo, um contributo pioneiro para a compreensão da ocorrência dos comportamentos da atenção partilhada em bebés, uma vez que recorre à observação de duas condições de jogo distintas, num contexto ainda muito pouco explorado nesta área, o contexto institucional, que nos permite avaliar o progresso desenvolvimental de bebés expostos a privação e aos mesmo tempo, verificar até que ponto o seu desenvolvimento difere de uma amostra normativa.

Outro ponto forte deste estudo, que não pode deixar de ser referido é, sem dúvida, o facto de estas interações terem sido recolhidas em ambiente naturalista ao invés de experimentações em laboratório. Alguns autores sugerem que as diferenças nos episódios de manifestação de atenção partilhada poderão estar relacionadas com influências de factores ambientais, especialmente a sensibilidade e a capacidade do cuidador em funcionar como um suporte para a atenção partilhada, mediante comportamentos como seguir o olhar do bebé, mostrar ou demonstrar acções no objecto no decorrer da interacção com este (Adamson & Bakeman, 1985; Tomasello & Farrar, 1986, *in* Vaughan, Mundy, Block, Burnette, Delgado, Gomez, Meyer, Neal, & Pomares, 2003). Deste modo, nesta investigação, o bebé permaneceu no seu ambiente natural e as observações foram realizadas no seu próprio meio, permitindo observar de que forma as interações recíprocas que estabelece com os cuidadores significativos e os objectos que o rodeiam influenciam o seu desenvolvimento.

Investigações futuras poderão beneficiar da combinação de paradigmas de avaliação, para uma melhor compreensão das contribuições relativas especificamente ao bebé e ao cuidador (Vaughan et al., 2003, *in* Mundy et al., 2007). Desta forma, seria ainda interessante que outros estudos nesta linha de investigação analisassem alguns factores, como o temperamento dos bebés, características psicológicas de ambos os elementos da díade, bem como padrões de vinculação. Seria também interessante a realização de análises dos contrastes entre amostras institucionalizadas e normativas de forma a enriquecer o conhecimento científico na área de desenvolvimento da atenção partilhada.

Conclusão

Desde que o ser humano nasce, o seu percurso desenvolvimental revela-se como um desafio para os investigadores. As questões que estes se propõem responder, bem como os métodos utilizados com vista a esse fim, são muito diferentes hoje do que há uns anos atrás, o que reflecte o progresso na compreensão à medida que novas investigações se desenvolvem e vão desafiando as anteriores (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Nesta investigação, propusemo-nos a explorar o desenvolvimento da atenção partilhada de bebés institucionalizados, uma vez que são sobejamente conhecidas as privações inerentes a este tipo de cuidados. Os resultados revelaram a existência de diferenças ao nível da manifestação de *Resposta do bebé a sugestões de Atenção Partilhada por parte do adulto* e *Iniciação de comportamentos de Atenção Partilhada*, bem como diferenças ao nível dos comportamentos dos cuidadores, ao longo do tempo e com base na condição da interacção. Não foram contudo verificados efeitos significativos relacionados com a sensibilidade dos cuidadores. Concluiu-se ainda que a manifestação de *Iniciação de Comportamentos de Atenção Partilhada* aos 9 e 12 meses pode funcionar como um precursor do desenvolvimento da linguagem aos 18 meses.

Para finalizar, fica a sugestão que deverão ser conduzidas mais investigações nesta linha, com vista a uma mais clara interpretação e compreensão do impacto das diferenças individuais na emergência de outros marcos desenvolvimentais nos bebés.

Referências Bibliográficas

- *¹Adamson, L., & Bakeman, R. (1985). Affect and attention: Infants observed with mothers and peers. *Child Development*, 56, 582–593.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- *Ames, E. W. (1997). *The development of Romanian orphanage children adopted into Canada*. Final report to Human Resources Development, Canad.
- Bakeman, R., & Adamson, L. B. (1984). Coordinating attention to people and objects in mother-infant and peer-infant interaction. *Child Development*, 55, 1278-1289.
- *Baldwin, D. A. (1995). Understanding the link between joint attention and language. In C. Moore & P. J. Dunham (Eds.), *Joint attention: Its origins and role in development* (pp. 131–158). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Baron-Cohen, S. (1995). *Mindblindness: An Essay on Autism and Theory of Mind*. Cambridge, MA: MIT Press
- *Bates, E., Benigni, L., Bretherton, L., Camaioni, L., & Volterra, V. (1979). *The emergence of symbols: Cognition and communication in infancy*. New York: Academic Press.
- Bayley, N. (2006). *Bayley scales of infant and toddler development* (3rd ed.). San Antonio, The Psychological Corporation
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- *Bruner, J. (1981). The pragmatics of acquisition. In W. Deutsch (Ed.), *The child's construction of language* (pp. 35-56). New York: Academic Press.
- *Bruner, J. (1983). The acquisition of pragmatic commitments. In R. Golinkoff (Ed.), *The transition from prelinguistic to linguistic communication* (pp. 27-42). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- *Bruner, J. (1985). *Child's talk: Learning to use language*. New York: Norton.
- Carpenter, M., Nagell, K., & Tomasello, M. (1998). Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to 15 months of age. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 63(4), i+iii+v-vi+1-174.
- *Dawson, G., Toth, K., Abbott, R., Osterling, J., Munson, J., Estes, A. & Liaw, J. (2004). Early social attention impairments in autism: Social orienting, joint attention, and attention to distress. *Developmental Psychology*, 40(2), 271–283.

¹ * Referências Bibliográficas não consultadas directamente.

- *Dennis, W. (1976). Children of the creche: Conclusions and implications. In A.M. Clarke & A.D.B. Clark (Eds.), *Early experiences: Myth and evidence* (pp. 122–134). London: Open Books.
- *Dunham, P., & Dunham, F. (1992). Lexical development during middle infancy: A mutually driven infant-caregiver process. *Developmental Psychology*, 28, 414–420.
- Flanagan, P., Coppa, D., Riggs, S., & Alario, A. (1994). Communicative behavior of infants of teen mothers. *Journal of Adolescent Health*, 15, 169-175.
- Gaffan, E., Martins, C., Healy, S., & Murray, L. (2010). Early social experience and individual differences in infants' joint attention. *Social Development*, 19(2), 369-393.
- Garton, A. (1992). *Social interaction and the development of language and cognition*. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum
- *Garvin, J., & Sacks, L.. (1963). Growth potential of pre-school aged children in institutional care: A positive approach to a negative condition. *American Journal of Orthopsychiatry*, 33, 399–408.
- Ghera, M., Marshall, P., Fox, N., Zeanah, C., Nelson, A., Smyke, A. & Guthrie, D. (2009). The effects of foster care intervention on socially deprived institutionalized children's attention and positive affect: results from the BEIP study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 50(3), 246–253.
- Goldsmith, D., & Rogoff, B. (1997). Mothers' and toddlers' coordinated joint focus of attention: Variations with maternal dysphoric symptoms. *Developmental Psychology*, 33, 113-119.
- *Gunnar, M. R., Bruce, J., & Grotevant, H. D. (2000). International adoption of institutionally reared children: Research and policy. *Development and Psychopathology*, 12, 677–693.
- *Hobson, R., Patrick, M., Crandell, E., Perez, R., & Lee, A. (2004). Maternal sensitivity and infant triadic communication. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(3), 470–480.
- *Hodges, J., & Tizard, B. (1989a). IQ and behavioural adjustment of ex-institutional adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 30, 53–75.
- *Hodges, J., & Tizard, B. (1989b). Social and family relationships of ex-institutional adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 30, 77–97.
- Johnson, R., Browne, K., & Hamilton-Giachritsis, C. (2006). Young children in institutional care at risk of harm. *Trauma, Violence, & Abuse*, 7(1), 34-60.
- Kasari, C., Sigman, M., Mundy, P., & Yirmiya, N., (1990). Affective Sharing in the context of Joint Attention Interactions of Normal, Autistic, and Mentally Retarded Children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 20(1), 87-100
-

- Kroupina, M., Kuefner, D., Liliana, P., Gunnar, M., & Johnson, D. (2002). *Social communicative skills of post-institutionalized children*. Artigo apresentado no encontro bienal da International Society for Infant Studies, Toronto, Ontário, Canadá.
- Landry, S. H., Smith, K. E., & Swank, P. R. (2006). Responsive parenting: Establishing early foundations for social, communication, and independent problem solving skills. *Developmental Psychology, 42*(4), 627–641.
- Lee, R., Seol, K., Sung, M., Miller, M., & Minnesota International Adoption Project Team.(2010) The Behavioral Development of Korean Children in Institutional Care and International Adoptive Families. *Developmental Psychology 46*(2)468–478.
- Martins, C. (2003). *The emergence of secondary intersubjectivity: Predictors and sequelae in infants of well and depressed mothers*. Tese de doutoramento não publicada, University of Reading, Reading, United Kingdom.
- Martins, C. (2011). Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS. Braga: Psiquilibrios Eds.
- Martins, E. C. (2007). *Regulação emocional diádica, temperamento e nível de desenvolvimento aos 10 meses como preditores da qualidade da vinculação aos 12/16 meses*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Minho: Braga.
- Mateus, V., (2011). Atenção Partilhada aos 10 meses de idade: Influências do Parceiro Social e do Contexto de interacção. Tese de Mestrado não publicada, Universidade do Minho: Escola de Psicologia, Braga.
- Meins, E., Leekam, S. R., Fernyhough, C., Arnott, B., Vittorini, L., Parkinson, K. & Turner, M. (2011). Individual differences in infants' joint attention behaviors with mother and a new social partner. *Infancy, 1-24*.
- Morales, M., Mundy, P., Delgado, C., Yale, M., Messinger, D., Neal, R & Schwartz, H. (2000). Responding to joint attention across the 6- through 24-month age period and early language acquisition. *Journal of Applied Developmental Psychology, 21*, 283-298.
- *Morales, M., Mundy, P., & Rojas, J. (1998). Following the direction of gaze and language development in 6-month-olds. *Infant Behavior and Development, 21*, 373–377.
- Mundy, P., Block, J., Delgado, C., Pomares, Y., Van Hecke, A. V. & Parlade, M. V. (2007). Individual differences and the development of joint attention in infancy. *Child Development, 78*(3), 938-954.
- Mundy, P., Delgado, C., Block, J., Venezia, M., Hogan, A., & Seibert, J. (2003). *A manual for the Abridged Early Social Communication Scales (ESCS)*. Retirado de: http://www.ucdmc.ucdavis.edu/mindinstitute/ourteam/faculty_staff/ESCS.pdf.
-

- *Mundy, P., & Gomes, A. (1998). Individual differences in joint attention skill development in the second year. *Infant Behavior and Development*, 21, 469–482.
- Mundy, P., Kasari, C., & Sigman, M. (1992). Joint attention, affective sharing, and intersubjectivity. *Infant Behavior and Development*, 15, 377–381.
- *Mundy, P., & Neal, R. (2001). Neural plasticity, joint attention, and a transactional social-orienting model of autism. *International Review of Research in Mental Retardation*, 23, 139–168.
- Mundy, P., & Newell, L. (2007). Attention, Joint Attention and Social Cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5), 269-274.
- Mundy, P., & Sigman, M. (2006). Joint attention, social competence and developmental psychopathology. In D. Cicchetti and D. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology, Second Edition, Volume One: Theory and Methods* (pp. 293-332), Hoboken, N. J.:Wiley. Retirado de:
http://www.ucdmc.ucdavis.edu/mindinstitute/ourteam/faculty_staff/JASocialCompetence.pdf.
- *Ninio, A., & Bruner, J. (1978). The achievement and antecedents of labelling. *Journal of Child Language*, 5, 1-16.
- O'Connor, T., Rutter, M., Beckett, C., Keaveney, L., Kreppner, J., & English and Romanian Adoptees Study Team. (2000). The Effects of Global Severe Privation on Cognitive Competence: Extension and Longitudinal Follow-up. *Child Development*, 71(2), 376–390.
- Oliveira, L. A. (2008). *A partilha da atenção: avaliação em contexto natural e relação com a cognição e linguagem em crianças em idade pré-escolar*. Tese de mestrado não publicada, Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Osório, A., Martins, C., Meins, E., Martins, E., & Soares, I. (2011). Individual and relational contributions to parallel and joint attention in infancy. *Infant Behavior & Development*, 34, 515–524
- Osório, A., Castiájo, P., Ferreira, R., Barbosa, F., & Martins, C. (2011). Metodologias de avaliação do desenvolvimento da cognição social da infância até à idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 2 (XXIX), 257-272.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. (8ª ed.) Portugal: McGraw-Hill.
- Phillips, A. T., Wellman, H. M., & Spelke, E. S. (2002). Infants' ability to connect gaze and emotional expression to intentional action. *Cognition*, 85, 53–78.

- *Quinton, D., & Rutter, M. (1988). Parenting breakdown: The making and breaking of intergenerational links. Aldershot, UK: Avebury.
- *Ratner, N., & Bruner, J. (1978). Games, social exchange, and the acquisition of language. *Journal of Child Language*, 5, 391-402.
- Raver, C. C. (1996). Relations between social contingency in mother–child interaction and 2-year-olds' social competence. *Developmental Psychology*, 32(5), 850–859.
- *Rutter, M. (1981). Maternal deprivation reassessed (2ª ed). Harmondsworth, UK: Penguin.
- *Rutter, M., & the English and Romanian Adoptees StudyTeam. (1998). Developmental catch-up, and delay, following adoption after severe global early privation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 39, 465–476.
- *Scaife, M., & Bruner, J. (1975). The capacity for joint visual attention in the infant. *Nature*, 253, 265-266.
- *Seibert, J. M., Hogan, A. E., & Mundy, P. C. (1982). Assessing interactional competencies: The Early Social Communication Scales. *Infant Mental Health Journal*, 3, 244-245.
- *Sigman, M., & Ruskin, E. (1999). Continuity and change in the social competence of children with autism, Down syndrome, and developmental delay. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 64(256), 1–108.
- *Stevens, A. (1975). Attachment and polymatric rearing. A study of attachment formation, separation anxiety and fear of strangers in infants reared by multiple mothering in an institutional setting. In H.R. Schaffer (Ed.), *The origins of human social relations*. London: Academic Press.
- Thompson, R. (2001). Sensitive periods in attachment? In D. Bailey, J. Bruner, F. Symons, & J. Lichtman (Eds.), *Critical Thinking About Critical Periods* (pp. 83–105). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing.
- *Tizard, B., & Hodges, J. (1978). The effects of early institutional rearing on the development of eight year-old children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19, 99–118.
- *Tizard, B., & Rees, J. (1975). The effect of early institutional rearing on the behaviour problems and affectional relationships of four-year-old children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 16, 61–73.
- *Trevarthen, C. & Hubley, P. (1978). Secondary intersubjectivity: Confidence, confiding and acts of meaning in the first year. In A. Lock Ed., *Action, Gesture and Symbol: The emergence of language* (pp. 183-229). London: Academic Press.
- *Tomasello, M. (1988). The role of joint attention in early language development. *Language Sciences*, 11, 69–88.

- *Tomasello, M. (1995). Joint attention as social cognition. In C. Moore, & P. J. Dunham (Eds.), *Joint attention: Its origins and role in development* (pp. 103–129). Hillsdale NJ: Erlbaum.
- Tomasello, M. (2000). The item based nature of children's early syntactic development. *Trends in Cognitive Sciences*, 4, 156-163.
- *Tomasello, M., Carpenter, M., Call, J., Behne, T., & Moll, H. (2005). Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. *Behavioral and Brain Sciences*, 28, 675–735
- Tomasello, M., & Farrar, M. J. (1986). Joint attention and early language. *Child Development*, 57, 1454-1463.
- *Ulvund, S. E., & Smith, L. (1996). The predictive validity of nonverbal communicative skills in infants with perinatal hazards. *Infant Behavior and Development*, 19(4), 441–449.
- Van Hecke, A. V. V., Mundy, P. C., Acra, C. F., Block, J. J., Delgado, C. E. F., Parlade, M. V., Meyer, J. A., Neal, A. R., & Pomares, Y. B. (2007). Infant joint attention, temperament, and social competence in preschool children. *Child Development*, 78(1), 53-69.
- Vaughan, A., Mundy, P., Block, J., Burnette, C., Delgado, C., Gomez, Y., Meyer, J., Neal, A. R., & Pomares, Y. (2003). Child, caregiver, and temperament contributions to infant joint attention. *Infancy*, 4(4), 603-616.
- Vorria, P., Papaligoura, Z., Dunn, J., van IJzendoorn, M., Steele, H., Kontopoulou, A., & Sarafidou, Y. (2003). Early experiences and attachment relationships of Greek infants raised in residential group care. *Journal of Child Psychology and Psychiatry* 44(8), 1208–1220
- *Warreyn, P., Roeyers, H., Wetswinkel, U. V., & Groote, I. D. (2007). Temporal coordination of joint attention behaviour in preschoolers with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37, 501-512.
- *Willoughby, J., Mundy, P., & Claussen, A. (1997). *Joint attention, other nonverbal communication skills, and language development in infants at risk due to prenatal cocaine exposure*. Artigo apresentado no encontro bienal da Society for Research in Child Development, Washington, DC.
- *Wolkind, S. (1974). The components of 'affectionless psychopathy' in institutionalized children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 15, 215–220.
- *Woodward, A. L. (2003). Infants' developing understanding of the link between looker and object. *Developmental Science*, 6, 297–311.

*Yoder, P. J., Warren, S. F., & McCathren, R. B. (1998). Determining spoken language prognosis in children with developmental disabilities. *American Journal of Speech-Language Pathology, 7*(4), 77.

Zeanah, C., Nelson, C., Fox, N., Smyke, A., Marshall, P., Parker, S., & Koga, S. (2003). Designing research to study the effects of institutionalization on brain and behavioral development: The Bucharest Early Intervention Project. *Development and Psychopathology, 15*, 885–907.

